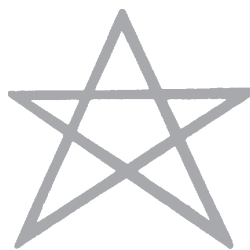


A MAGIA CURATIVA FOI UTILIZADA PELOS POVOS DESDE TEMPOS IMEMORIAIS, E NÃO CABE, NO ÂMBITO DESTE ESTUDO, RASTREAR SUAS PECULIARIDADES ATRAVÉS DA HISTÓRIA. O QUE NOS INTERESSA É FORNECER ALGUNS ELEMENTOS DE REFLEXÃO SOBRE A PERSISTÊNCIA DA CRENÇA NO PODER CURATIVO DOS ATOS MÁGICOS NO MUNDO LUSO-BRASILEIRO DO SÉCULO XVIII, QUANDO, NA MAIOR PARTE DOS CENTROS EUROPEUS, A RACIONALIDADE CIENTÍFICA JÁ PENETRAVA NO DOMÍNIO CURATIVO, E A MEDICINA ERA ENSINADA COMO DISCIPLINA NAS UNIVERSIDADES (1).



LAURA DE MELLO E SOUZA

CURAS MÁGICAS E SEXUALIDADE NO SÉCULO XVIII LUSO-BRASILEIRO



*A Inquisição
retratada
por Goya*

**LAURA DE MELLO
E SOUZA** é
professora do
Departamento de
História da
FFLCH-USP.

Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada, ainda de forma muito esquemática, no Encontro Regional da Associação dos Professores Universitários de História – ANPUH, Unicamp, 5 de setembro de 1994, mesa-redonda “Cultura e Representações no Mundo Ibero-americano”, juntamente com Hilário Franco Jr. e Mary del Priore.

Com base em três casos da Inquisição portuguesa, pretende-se aqui explorar a ambi-
güidade das práticas e dos papéis curativos
no mundo luso-brasileiro, apontando, mais
uma vez, para os limites das abordagens
centradas no universo das classes dominan-
tes, e para a importância de se atentar aos
desníveis entre universos culturais distintos.

II

Passo a apresentar brevemente meus per-
sonagens. Francisco Barbosa, o Tio de
Massarellos, é um dos únicos — possivelmen-
te o único (e quem nos dará a confirmação será
José Pedro Paiva, com seu trabalho sobre a
feiticeira portuguesa, em fase final de reda-
ção) — feiticeiros queimados pelo Santo Ofí-
cio português. Foi preso pela primeira vez em
dezembro de 1729, nas imediações do Porto,
e, considerado culpado, saiu em auto-de-fé que
se celebrou no Terreiro de São Miguel,
Coimbra, a 8 de outubro de 1730. Na ocasião,
reconheceu os horrorosos erros, mostrando-se
muito arrependido e pedindo misericórdia. A
Inquisição julgou-o herege apóstata da Santa
Fé Católica, devendo incorrer em sentença de
excomunhão maior e confiscação de todos os
bens para o Fisco e Câmara Real. Mas como
confessou e deu mostras de arrependimento,
foi *reconciliado*, apesar de condenado *em for-
ma*. Degredaram-no por cinco anos para as
galés de Sua Majestade, e o proibiram de en-
trar no Porto para todo o sempre.

Como continuou exercendo suas práticas
abomináveis, Francisco Barbosa caiu de novo
das garras do Santo Ofício a 30 de dezembro
de 1734. Desta vez não houve clemência. Saiu
no auto que se celebrou na Igreja do convento
de São Domingos em 24 de julho de 1735.
Estavam presentes o rei D. João V, “o Prínci-
pe Nosso Senhor”(?), os infantes D. Antonio
e D. Manuel, os inquisidores, a nobreza, o
povo. Cito a parte final da sentença, intrigada
e sem entender direito por que, na década de
30 do Setecentos, este homem foi queimado,
pois já vi processos muito mais cabeludos
sem pena capital:

“e como o réu depois de haver abjurado
seus heréticos erros em forma, continuou

neles, vivendo apartado de Nossa Santa
Fé Católica, e não ter a Igreja mais que
fazer com ele, por se haver feito indigno
da misericórdia que no primeiro lapso lhe
foi concedida; tendo a Deus diante dos
olhos, a verdade infalível de Nossa Fé
Católica, e a extirpação das heresias com
o mais que dos autos resulta, e disposição
de direito em tal caso.

Christi Jesu nomine invocato – Declaram o
réu Francisco Barbosa por convicto, confes-
so, e relapso no crime de feiticeira, e ter pacto
com o demônio; e que foi herege apóstata de
Nossa Santa Fé Católica, e incorreu em sen-
tença de excomunhão maior, e confiscação
de todos os seus bens para o Fisco, e Câmara
Real, e nas mais penas em direito contra se-
melhantes estabelecidas: E mandam vá ao
Auto Público da Fé na forma costumada com
carocha, e rótulo de feiticeiro, nele ouça sua
sentença e como herege apóstata de Nossa
Santa Fé convicto confesso e relapso o con-
denam, e relaxam à Justiça Secular, a quem
pedem com muita instância se haja com ele
benigna, e piedosamente, e não proceda à pena
de morte, nem efusão de sangue” (2).

O carmelita frei Luís de Nazaré, natural
da Bahia, é meu velho conhecido, e já foi
estudado por mim em duas ocasiões. Entra
aqui mais como elemento de comparação,
dada a riqueza de seu processo e afinidade
com os dois outros casos, que agora estudo
em profundidade pela primeira vez. Por exer-
cer estranhíssimas modalidades de cura, como
se verá, frei Luís foi mandado a Lisboa e
começou a responder processo no início de
1740. Um ano depois, saiu penitenciado, e
recebeu castigo bem mais suave que o pobre
Tio de Massarellos, prevalecendo-se da situa-
ção de clérigo: ouviu sentença perante os
inquisidores na sala da Inquisição, abjurou
de levi e foi mandado por cinco anos para o
convento mais remoto de sua província, não
entrando mais na cidade da Bahia. Por fim,
como era exorcista, privaram-no para sempre
do direito de exorcizar (3).

Por fim, o negro Domingos Alvares nas-
cera na Costa da Mina, vivera no Brasil –
onde fora convertido ao catolicismo – e caíra
nas garras da Inquisição em 3 de dezembro de

1 Remeto à dissertação de mestrado de Márcia Moisés Ribeiro, defendida sob minha orientação no Departamento de História da FFLCH-USP em junho de 1995: *Ciência e Maravilhoso no Quotidiano — Discursos e Práticas Médicas no Brasil Setecentista*, em que a questão das relações entre maravilhoso e ciência médica é tratada em profundidade pela primeira vez entre nós. Remeto ainda ao trabalho pioneiro de Mary L. Murray Del Priore, *Ao Sul do Corpo — Condição Feminina, Maternidades e Mentalidades no Brasil Colônia* (Rio de Janeiro, José Olympio, 1993). Para uma visão geral, referida à Europa moderna, ver o ótimo trabalho de François Lebrun, *Se Soigner Autrement — Médecins, Saints et Sorciers aux 17^e. et 18^e. Siècles* (Paris, Temps Actuels, 1983).

2 ANTT, I. L., processo 4222. “Processo de Francisco Barbosa que diz ser cristão velho natural da freguesia [?] de São Pedro do Bico conselho de Couros [?] arcebispado de Braga e morador na cidade do Porto”.

3 ANTT, I. L., processo 3723. “Processo de Frei Luis de Nazareth religioso professor de Nossa Senhora do Carmo colado da Província da Bahia e morador na mesma cidade”.

1742. Após um processo de dois anos, degredaram-no para Castro Marim, no Algarve, devido às curas mágicas que realizava. Continuou curando como se nada tivesse acontecido, e, obviamente, viu-se de novo às voltas com o Santo Ofício a 9 de agosto de 1747. Reincidente, foi mandado ao Auto Público de Fé de 20 de outubro de 1749 “na forma costumada”, nele devendo ouvir sua sentença e ser açoitado pelas ruas *citra sanguinem effusionem*. Depois, foi degredado por quatro anos para Bragança (4).

III

Nas comunidades em que viveu, Francisco Barbosa era tido como homem dotado para curar vários males. Adivinhava o que acontecia a distância, curava aflições afetivas, incômodos provocados por feitiços.

Seus diagnósticos eram próprios ao universo da cultura popular; de certa mulher achacada, dissera que “padezia ar de morto excomungado, e que o mal que padecia era de diabo amuado”. Detectava o “mal de sombras”, e ainda “sombras de feitiços”, atribuindo-os a repreensões dadas pelo paciente a criaturas já defuntas. Acreditava que os feitiços tinham existência corpórea, entrando nas mulheres pelas partes baixas, e, nos homens, pelos ouvidos.

Seus procedimentos curativos eram os correntes no mundo agrário de então. Como Domingos Alvares, o que reincidiu e não foi queimado, ou ainda como frei Luís de Nazaré, o carmelita baiano, lançava mão de fervedouros de ervas, de unguentos, emplastros aplicados na barriga dos doentes. Como eles, acreditava que os feitiços saíam na água, ou que, nela, aparecia a figura do malfeitor; que bonecos fincados de agulhas e escondidos no colchão da cama – ou ocultos na soleira da porta – eram capazes de provocar o mal: mais uma vez, a existência corpórea dos feitiços.

Mas, também como um dos outros dois curandeiros penitenciados pelo Santo Ofício, o Tio de Massarellos recorria a procedimentos curativos pouco usuais. De uma mulher que tinha o marido no Brasil, tomara medidas com umas linhas da cabeça até os pés, braços,

peitos, murmurando palavras estranhas e obrigando-a a cuspir na sua boca, enquanto ele, por sua vez, cuspi nos pés da mulher. Costumava ainda cortar o ar tomando medida às pessoas doentes, pondo-as depois em cruz e em signo-saimão, e por dentro das cruzes cortava as medidas, dando seus pedaços aos doentes para que os trouxessem consigo. Depois, benzia os pedaços de linha, proferindo o nome do Pai, Filho e Espírito Santo. Procedimento análogo servia para cortar os feitiços de sombras: usava das mesmas medidas e lançava algumas bênçãos, mas as palavras que repetia com os circunstantes eram profanas, típicas das orações populares: “Que corto eu? ares corto, ares de fora, males e sombras, e feitiços” (5).

O curioso hábito de medir partes do corpo com linhas ou barbantes parece residir na crença, própria às sociedades tradicionais, de que, dessa forma, sua dimensão corpórea – e portanto concreta – podia ser captada por meio das tais medidas. O procedimento subsequente seria fazer com que os atos mágicos incidissem sobre o pedaço de barbante, que não mais existia como tal, mas como a parte do corpo em si – conforme os princípios da *magia imitativa* formulados por Marcel Mauss.

A seqüência do procedimento curativo lembra práticas rituais presentes em muitos dos contos maravilhosos, que sugerem a vivência simbólica dos momentos de ruptura. Proferidas as falas e realizadas as medidas, uma parte destas devia ser queimada *sem que se olhasse para trás*, e a outra parte era entregue à pessoa enferma para que a trouxesse ao pescoço e, mais adiante, misturando-a com um fervedouro de três ervas diferentes, lançasse tudo num rio corrente, *sem olhar para trás*.

O costume de tirar medidas parece não ser desprovido de malícia. Uma das testemunhas que depuseram contra ele no processo desconfiou dos remédios receitados e espiou às escondidas quando Barbosa atendia outro cliente; o que viu foi que, enquanto tirava as medidas, o homem pôs as linhas de lado e “a estivera tocando por algumas partes de seu corpo, e não sabe ela testemunha com que tocava, nem também ouvia as palavras que ele lhe dizia”.

4 ANTT, I. E., mc. 803, nº 7759.

5 Apesar de incidir basicamente sobre o funcionamento do sistema de denúncias e tensões internas à sociedade italiana moderna, o importante estudo de Mary Rose O'Neil descreve prática que empregava tais procedimentos: a do *mal di pediga*, de sintomatologia vaga, afetando o estômago e as solas dos pés: “If pediga was suspected, a definitive diagnosis could be made by measuring the sick person on both sides, using new thread spun by a virgin girl. If one leg was longer than the other, this was evidence that the person's footprint had been magically 'lifted' in an act of maleficium. If ashes adhered to the sole of the sick person's foot, this too indicated an empty place where the missing footprint should have been” – Mary Rose O'Neil, “Missing Footprints: Maleficium in Modena”, in *Witch Beliefs and Witch-hunting in Central and Eastern Europe*, Acta Ethnographica Hungarica, vol. 37, numbers 1-4, 1991-92, pp. 128-9.

Outras esquisitices vieram depois à baila. Massarellos dizia ser necessário esfregar as partes pudendas “para que não entrassem males, nem feitiços, nem sombras de pessoa [?] vexada por feiticeiros ou feiticeiras”. Primeiro, tentou que a prática se revestisse de seriedade, sujeita a necessidades técnicas da cura; confessou que:

“media com linha branca média do sangradouro do braço esquerdo até a ponta do dedo maior e cortava a tal linha com dois dentes, que servia de medida, e as media mais ao redor do pescoço até a boca do estômago, descobrindo a algumas bem os peitos, outras com mais honestidade porque só descobriam a boca do estômago aonde lhe havia de chegar e tocar a medida, e cortava a mesma medida na forma que tem dito, e o depois passava a medi-las pelo ventre ao redor de toda a cintura ficando a medida no embigo e tudo por baixo da camisa, mas elas se não despiam para esta cerimônia, e ele para aperfeiçoar e fazer a tal medida lhe metia a mão pela gorgueira da camisa, e depois de feita esta medida passava a fazer-lhe outra com outra linha principiando a medida do quadril da perna esquerda e acabando no tornozelo da mesma perna pela parte de dentro e também fazia esta medida por baixo da camisa, e tocando a carne das tais mulheres, mas sem ser necessário que elas se descompusessem, nem ele lhe visse cousa alguma, e ou ele ou as tais mulheres com a sua mão segurando a medida no quadril e chegando ao tornozelo a cortava na mesma forma, e a cada uma das tais mulheres entregava as medidas que ele tinha tomado [...]”.

Mas houve testemunhas que desmascararam a pretensa isenção das práticas. Uma delas disse que o Tio de Massarellos

“lhe dava lavatórios no dia das quartas feiras lavando-a da cintura toda para baixo, fazendo-lhe cruces nas coxas, e nas pernas, e também a lavava toda pela parte de trás mas não fazia cruces na tal parte, e só por diante lhas fazia, mas não sabe quantas, e também a lavava no seu vaso natural sem cruz, ao que assistia sua mãe, e não se certifica se também seu pai [...]”.

Outra contou que, chamado para curar sua filha, ainda menina, dissera que os feitiços que tinha podiam se propagar às outras mulheres da casa. Por isso, esfregou demoradamente as partes pudendas da mãe, ordenando-lhe depois que se pusesse de joelhos, “e lhe mandou que metesse a mão na sua braguilha e lhe pegasse no seu membro viril, o qual lhe achou preparado para luxúria, e lhe mandou desse um abraço e lhe meteu a língua na boca recomendando-lhe segredo”.

IV

O carmelita frei Luís de Nazaré não tirava medidas do corpo de suas pacientes, mas recomendava que elas mantivessem cópula carnal com ele para se aliviarem dos males que as afligiam (6). Em um dos casos que depois o incriminariam junto ao Santo Ofício, o frade manteve sucessivas relações sexuais com diferentes escravas da casa em que morava a enferma que deveria curar, alternando tais atos com bênçãos:

“E em todas as sobreditas bênçãos e cópulas ordenou o dito Padre às ditas assistentes que limpassem a matéria seminal das ditas cópulas com um paninho e passassem na barriga da enferma, e que todas lavassem em todas aquelas vezes as partes venéreas com água, e a guardassem em uma panela para irem banhando a dita enferma, o que com efeito faziam, mas sem efeito, porque daí a poucos meses faleceu a enferma [...]”.

Apesar de inusitados, não me parece que as medidas tiradas por Francisco Barbosa ou os lavatórios venéreos prescritos pelo frade carmelita fossem apenas safadeza e luxúria exacerbada. Hoje, passados duzentos anos, é difícil atinar com os significados que pulsam sob esses procedimentos. De qualquer forma, parece óbvio que um e outro envolvem crenças arcaicas e arraigadas nos poderes curativos dos fluidos corporais, na energia regeneradora liberada pelas atividades sexuais, ou na proporção dos membros do corpo como referida a uma espécie de número áureo, capaz de encarnar as características de cada pessoa. É certo ainda que integraram sistemas

6 O riquíssimo processo de frei Luís de Nazaré permitiu que eu o enfocasse sob outros ângulos. Ver: “O Padre e as Feiticeiras – Notas sobre a Sexualidade no Brasil Colonial”, in Ronaldo Vainfas (org.), *História e Sexualidade no Brasil*, Rio de Janeiro, Graal, 1986, pp. 9-18; numa perspectiva comparativa, tratando também de um outro caso de exorcismo, ver: “Mentes e Corpos: os Assaltos do Diabo”, in *Inferno Atlântico – Demonologia e Colonização – Séculos XVI-XVIII*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993, pp. 147-59.



cognitivos mais amplos, combinando-se com outros hábitos e outras crenças, cotidianos e partilhados pelos homens de então.

Não é aleatório que, ao lado das esdrúxulas medidas com linha ou dos repulsivos lavatórios seminais, estivessem presentes outros métodos curativos: o recurso a ervas esmigalhadas, cruas ou cozidas, em emplastos ou em lavatórios, que se aplicavam na barriga dos doentes. Ou que se partilhasse a crença na existência corpórea dos feitiços, passíveis de serem extirpados na destruição de bonecos – mais uma vez, a magia imitativa – ou de serem visualizados nos vultos que se desenhavam no fundo de bacias cheias de água.

Por fim, o lado intrigante dos procedimentos curativos remete a um tempo em que os saberes ainda não se haviam compartimentado. Curandeiros eram também magos, ou, no caso de Francisco Barbosa e Domingos Alvares, saladores. Ou seja: homens que descobriam

tesouros encantados, afinados a uma tradição européia antiqüíssima (7).



Certa vez, o Tio de Massarellos formou uma expedição de cerca de 17 pessoas com o objetivo de procurar minas, indo todos para Nossa Senhora da Peneda, na raia da Galícia.

“Prometia também descobrir tesouros, e minas de muitas léguas, e dizendo-lhe certa pessoa que para isso poderiam conduzir muito algumas palavras, que referiu, o réu lhe respondeu, que para o intento só servia um livro, que tinha; convidando logo para esta empresa muitas pessoas de ambos os sexos, segurando-lhes, que dentro do mineral achariam doze mouros ricamente vestidos com seus espadins nas mãos, e outras tantas mouras muito bem adereçadas, com saias bordadas, e

7 Sobre saladores, ver: Jean-Michel Sallmann, *Chercheurs de Trésors et Jeteuses de Sorts – la Quête du Surnaturel à Naples au XVI^e Siècle*, Paris, Aubier, 1986. Para o contexto português, ver: Francisco Bethencourt, *O Imaginário da Magia – Feiticeiras, Saladores e Nigromantes no Século XVI*, Lisboa, Universidade Aberta, 1987.

muitas pessoas de ouro e diamantes, o que tudo se havia de repartir entre o Réu e a sua comitiva; e que, depois de despojados, os mouros cairiam por terra reduzidos a cinza, e entrariam a repartir entre si copiosíssimos tesouros.”

Antes de partir, o curandeiro-saludador disse aos da expedição ser necessário tirar as medidas de todos, recomendando-lhes que as levassem para a jornada e diligência que iam fazer pela mina. Alertou que deveriam levar camisas para vestir às mouras encantadas que guardavam os tesouros, e lenços para lhes pôr na cabeça. Lá chegando, com as mesmas linhas de suas medidas tomariam as das mouras que lá estavam, e que, dessa forma, haviam de se desencantar. Não precisariam levar sacos para trazer o dinheiro que encontrassem, pois lá os havia suficientes.

Nas práticas de Francisco Barbosa, o ato de procurar tesouros e desencantar mouras se combina com a cura pelas medidas de linha, sugerindo a existência de um complexo popular mágico-curativo. Domingos Alvares, preto da Mina, também associa um e outro procedimento:

“e perguntando-lhe ele testemunha como podia o preto Domingos Alvares ver aquelas cousas, sem ser por alguma arte, respondeu [...] que via de virtudes, e que conhecia o que estava no interior da terra e no corpo da criatura”.

Uma árvore copada que dava sombra a um umbral de porta era abrigo certo de tesouros, que só o negro enxergava. Orientado pela vista de lince ou por um sexto sentido, Domingos Alvares comandava as buscas, orientando-as :

“e que indo-se abrindo a cova, dizia o dito preto a quem trabalhava, agora se há de dar com três pedras, e cavando-se mais tornava a dizer, agora há de se dar com lodo, e mais abaixo com calíço, e que ao depois disto se havia achar o tesouro, o que com efeito se descobriram as tais pedras, e depois o lodo [...]”.

Para ele, portanto, não havia diferença

substancial entre o corpo dos homens e o corpo da terra, e procedia com os tesouros da mesma forma que com as pessoas: se a estas receitava infusão de ervas e pós, eram os mesmos pós que atirava nas covas abertas na demanda das riquezas. No universo popular, mantinha-se a analogia arcaica entre os reinos da natureza: animal e mineral, humano e animal. Dentre os mouros guardiães, Domingos Alvares se repugnava ante um ser que, além de monstruoso no aspecto físico, era ambíguo no tocante à sexualidade:

“entre eles havia um mouro meio homem meio serpente, e que para desencantar este monstro havia ele [...] esperar tantos beijos, e abraços, para haver de o desencantar, porque ele punha grande dificuldade pelo horror que lhe causava, e temia que o abraçasse porque o havia apertar muito [...]”.

Mantinha-se igualmente a estreita conexão entre o natural e o sobrenatural. Ao lado das medidas de linha que davam concretude às doenças difusas pelos corpos, o Tio de Massarellos acreditava em males provocados por “sombas”, ou seja, por defuntos com os quais o doente se desentendera. No tocante às técnicas mágicas, Domingos Alvares também mantinha tênues as fronteiras entre o mundo dos vivos e o dos mortos:

“sabia de vários tesouros e encantos que estavam na [?] arredores da dita cidade, mas que estes os não podia desencantar por andar ajuntando retalhos de sete hábitos de defuntos, e que alcançando estes, mais fácil lhe seria tirar dinheiro das almas que dos encantos [...]”.

Os vivos e os mortos, os mouros e as mouras, as sombas e os defuntos são todos variações sobre o mesmo tema: as fronteiras entre este mundo e o outro. No universo popular, pouco afeito à organização lógica, os arranjos mostram-se variados e intrigantes. Na busca dos tesouros, a relação com o sobrenatural não é unívoca. Se mouras, monstros e defuntos aparecem como empecilhos que dificultam o acesso a tais riquezas, podem também libertá-las:

“que teria quatro cargas de prata e diamantes, mas que este o não podia descobrir sem passarem sessenta dias, porquanto não tinha ainda morrido quem o tinha sepultado”.

Conhecido pelos calundus que praticara no Rio de Janeiro (e onde, como se sabe, a invocação dos espíritos obedecia a propósitos curativos), Domingos associava este ritual à busca de tesouros, sugerindo mais uma vez a imbricação estreita das práticas mágico-curativas, e a intermediação positiva dos mortos:

“se embrulhava em um lençol, acendia uma vela e entrava a sermoar e falar consigo cousas que se não percebiam, e que umas vezes se estendia como defunto, outras se punha de pé sem bolir consigo que parecia um mármore, o que fez por várias noites, e em uma delas se ouviu umas carreirinhas no mesmo sítio em que ele estava, que lhe pareciam de besta pequena [...]”.

VI

Com base em processos inquisitoriais, procurei mostrar que, no século XVIII, quando o resto da Europa já traçava com mais firmeza as fronteiras entre a medicina e as práticas curativas populares, a indistinção continuava a dominar no mundo luso-brasileiro, onde a variedade cultural compunha um amplo sistema cognitivo em que práticas mágicas, práticas curativas e a percepção do corpo continuavam intrinsecamente ligadas.

Se, por um lado, as práticas populares de cura se inseriam no campo mais vasto da magia, apresentavam, por outro, relação com a sexualidade. O corpo doente era também a morada das pulsões e dos desejos. A aproximação entre o curandeiro e o paciente podia desencadear a passagem para um outro território: o do jogo da sedução, o da conquista. Por fim, se (para lembrar Norbert Elias e Michel Foucault) o processo civilizador e o apego às normas de conduta e contenção avançavam sobre a Europa, “convertendo” as elites mais cultas; se os saberes se especializavam em campos mais bem delimitados, é importante olhar para as camadas subalter-

nas a fim de pensar com mais propriedade os limites desse processo (8). O corpo a ser disciplinado, adestrado, contido, revoltava-se e, teimoso, explodia em práticas inusitadas, “ridículas” aos olhos do grande aparelho normatizador que foi a Inquisição portuguesa. A figura do médico, do especialista na terapêutica dos corpos, do detentor de um saber que os manuais ilustrados tornavam cada vez mais “científico”, metamorfoseava-se, na sua versão popular, num agente ambíguo e polivalente, capaz de exercer simultaneamente papéis diversos.

A multiplicidade dos papéis tornava-se mais complexa ainda dado o caráter pluricultural dos agentes. Frei Luís de Nazaré nascera na Bahia, filho de pais brancos, mas crescera no mundo ambíguo da escravidão colonial, acostumado com as práticas e procedimentos mágico-curativos dos africanos. Domingos Barbosa nascera na África, tornara-se católico no Brasil e desenvolvera suas aptidões de desenterrador de tesouros no Algarve, onde era forte a presença cultural dos mouros, e onde conservou e difundiu conhecimentos adquiridos quando menino, ainda na Costa da Mina. Francisco Barbosa era português, mas vivera por três anos em Cabo Verde, jactando-se de lá ter aprendido como trazer o enfeitiçador diante da pessoa enfeitiçada. Intermediários entre universos de cultura distintos, combinaram crenças milenares de forma interessantíssima. Agente aculturador dos mais terríveis, a Inquisição procurava extirpar as crenças populares e, contradição entre as contradições, acabou por perpetuá-las através dos séculos. Hoje, o estudioso tenta desemaranhar os fios que as compõem. A variedade de filiações seria perceptível para os agentes culturais no século XVIII? Será que se viam como inimigos permanentes ou como partes de um mesmo todo? O imbricamento das práticas culturais mostra coincidências e afinidades surpreendentes, que podem, obviamente, ser ilusórias. A meu ver, tudo isso torna ainda mais interessante a questão da cultura, dos sistemas cognitivos e dos intermediários culturais no quadro de sociedades pluriétnicas como a do Império Português no tempo do Antigo Sistema Colonial.

8 Norbert Elias, *O Processo Civilizador*, 2 vols, Rio de Janeiro, Zahar, 1993. Michel Foucault, *Histoire de la Folie à l'Âge Classique*, Paris, Gallimard, 1972; *Surveiller et Punir — Naissance de la Prison*, Paris, Gallimard, 1975.